

# DR. RICARDO JORGE <sup>(1)</sup>

POR *Alfredo Pimenta*

Na véspera de deixar Lisboa, para tranquilizar o meu coração inquietado, quis informar-me convenientemente sobre o estado de Ricardo Jorge preso ao leito de recente operado.

Supunha-o no estrangeiro — numa daquelas suas muitas viagens de homem de ciência, a representar Portugal em congressos da sua especialidade, quando o jornal me deu bruscamente a notícia de que estava na Casa de Saúde de Benfica, tendo sofrido uma operação que correria bem.

Logo lhe escrevi carta que certamente não chegou a ler.

Colhendo pormenores sobre a operação, soube que na verdade correria bem, e tudo seguia o seu curso normal.

Mas na véspera de deixar Lisboa, telefonei a seu filho que me disse que podia vir sossegado, que a não ser qualquer incidente imprevisto, o perigo estava passado.

Já aqui, li não sei onde que as suas melhoras eram tão seguras, que se pensava em deixar a Casa de Saúde.

Preparava-me já para lhe escrever para o Campo de Sant'Ana, uma página de felicitações e amizade. Mas o incidente imprevisto surgiu...

E ontem, minha mulher aproximou-se de mim, para me dizer baixinho, em voz que não quer fazer mal: «ouve: morreu um teu amigo...».

— Quem?!

— O Ricardo Jorge.

\*

Era, de facto, meu amigo, e eu nunca cheguei a compreender bem a razão desta amizade que vinha de tempos em que ainda nos não conhecíamos pessoalmente.

Quando, há nove anos ele quis, bondosamente, deferir ao meu convite para prefaciador dos *Estudos filosóficos e críticos*, não tínhamos, como ele escreveu, «outro contacto real que não seja o intelectual da leitura recíproca e o sensitivo das simpatias espirituais que de aí derivam». E ao chamar-me a sua casa para

---

(1) Do diário *A Voz* de 3-8-1939.

me ler o formosíssimo prefácio que compusera, chamou-me também para que, pela primeira vez, nos víssemos e falássemos.

Desde havia muito que me mandava os seus livros; agora, falaríamos amiúde — como amigos que se encontram no mesmo ângulo dos juízos, e até, às vezes, enrodilhados nas mesmas injúrias e misérias, vítimas da inveja impotente, e da má fé rancorosa.

No decorrer da polémica desencadeada pela publicação da *Lírica de Camões*, e em que fui forçado bem contrariadamente, a atitudes violentas, não hesitou em, públicamente, dar força ao meu ponto de vista. Tive a sua simpatia, nesses outros polémica, um pouco mais amena que sustentei com o sr. Prof. Duarte Leite — embora a sua grande admiração, sem reservas confessada, pelo escritor portuense.

Todo se afligia quando me sabia envolvido em lutas; e logo me chamava ao telefone, ou me escrevia: « não polemique! é estéril. Desgosta-se e estafa-se. Não lhes responda ». Mas um dia, em opúsculo de crítica implacável, traçava, junto do meu nome, e dirigida a mim, esta pergunta: « É assim? ».

Uma tarde inteira passou, sozinho, no meu quarto de trabalho, a colher na minha livraria os elementos de que precisava para estudo que trazia entre mãos, e para o seu último trabalho — o que publicou no *Ocidente* sobre Inês de Castro — me pediu livros.

Era meu amigo, era, até quando discordávamos, porque havia muitos problemas em que as nossas posições eram diferentes. Era meu amigo — e o amparo moral que as suas palavras generosas e a sua presença carinhosa me traziam, falta-me agora, e eu sinto que com a morte de Ricardo Jorge alguma coisa de mim próprio se perde — para nunca mais!

Ricardo Jorge foi, na última metade do século XIX, e nestes primeiros trinta anos do século XX, a figura mais extraordinariamente interessante da vida culta portuguesa — porque o seu espírito era diamante de mil facetas. Escritor — de primeira água; pensador — de primeira grandeza; crítico — do mais alto saber; polemista — do mais rijo pulso. Em tudo, foi grande. Em qualquer assunto que abordasse, ficava, indelével, o sinal da sua garra de gigante.

E depois — coração boníssimo, sensível, como folha de açucena.

Tirado do campo objectivo e positivo da ciência — e todo o seu labor conhecido e publicado tem um carácter primordialmente científico, tirado desse campo. Ricardo Jorge era essencialmente um lírico. Publiquem-se os seus versos! Porque como Betten-court Raposo, Ricardo Jorge foi poeta, e poeta admirável, trabalhando com maestria o verso, senhor do ritmo, e daquele *quid* misterioso que só os Poetas conhecem, e já fez dizer ao nosso Filinto, se não estou em erro:

«Poetas por poetas sejam lidos;  
Sejam só por poetas explicadas  
Suas obras divinas.»

O seu lirismo era a confidência do seu coração, Ricardo Jorge fugiu sempre de o revelar ao público. No meio dos seus papéis deve haver matéria vasta para se tornar conhecida essa faceta singular do seu espírito.

Pertenceu a uma geração brilhantíssima, e conviveu com todos ou quase todos os homens admiráveis dessa geração.

As suas *Memórias*, se as escreveu, devem esclarecer milhares de assuntos — tanto no que se refere às pessoas, como no que diz respeito aos acontecimentos. Digo isto, pelo muito que lhe ouvi.

A sua obra é rica — podendo dizer-se que é das poucas em que a quantidade não prejudicou a qualidade.

No admirável estudo que lhe consagrou o sr. Professor Eduardo Coelho — há dez anos, indicava-se um mínimo de 209 espécies — até o ano de 1929.

A sua pena, não a poisou então. E sempre que lucidez, que frescura a do seu espírito. Muitas vezes me disse: “quando me sentir decadente, avise-me! Não quero ser ridículo...”

Decadente!

Não quis Deus prolongar-lhe a vida, além dos 81 anos que contava já. Mas concedeu-lhe a ventura de lhe manter o espírito até final, no alto grau de maturidade que atingira, sem a mais leve ameaça de decrepitude — quer no raciocínio, quer na visão do que é fundamental, quer na concatenação dos factos.

O incidente imprevisto que abriu as portas do túmulo ao Homem singularmente notável que foi Ricardo Jorge, apaga um espírito cheio ainda de capacidade criadora e crítica.

É doloroso ver partir quem é — esperança; mais doloroso é ver sumir-se quem é — certeza.

Ricardo Jorge é uma certeza indiscutível que desaparece. Em qualquer tempo, a sua morte confrangeria; na hora que atravessamos de mediócras a fingir de génios; de analfabetos a fingir de eruditos, de escravos a fingir de heróis, o seu desaparecimento é trágico para a cultura portuguesa.

Chora-o o meu coração — porque da sua boca e da sua pena gloriosa só saíram para o meu nome, incentivos, amparos, louvores e prémios, em que tantas vezes tenho posto os olhos, quando os silvos das víboras me sacodem os ouvidos, e as insolências dos cretinos me tocam a pele, e o ódio repugnante dos lacraus pretende atingir-me a sombra. Chora-o o meu coração — porque a sua amizade me foi, em horas de abatimento, desconsolo e dor — refrigério e estímulo.

Mas não menos sentidamente o chora o meu espírito, porque em tudo o que nos deixou, artigos ligeiros de jornal, notas leves ou comunicações sucintas, e livros de tomo, sempre encontrei algo que aprender.

Ricardo Jorge foi, em toda a acepção da palavra, o Mestre. Na linguagem que era pura; no saber que era óptimo; na independência, que era total.

Desce à terra, quando estou longe, e não posso ir velar, à hora derradeira, as cinzas da sua existência terrestre, e não posso, no momento de se selar o seu caixão, beijar-lhe a mão generosa que traçou o Prefácio de um dos meus livros.

Parte sem que me seja possível dizer diante dos seus olhos o adeus que ele merecia. Paciência.

Fiquem estas palavras a traduzir a minha saudade inextinguível, a minha admiração sem limites, e a minha gratidão tão viva hoje como há nove anos. E estou certo de que o espírito que compôs os conceitos e sentimentos da famosa conferência consagrada à Santidade de Pio XI, há dez anos, já foi recebido na infinita misericórdia do Senhor.

Inscрева-se como epitáfio, na lousa da sua campa, isto que ele aplicou um dia a um dos maiores portugueses dos nossos tempos:

*Dulce sapienti vivere  
Nec sane acerbum est emori.*

Guimarães, Casa da Madre de Deus, Agosto de 1939.

ALFREDO PIMENTA.